

Revista Iberoamericana de Turismo



Turismo e crise/mudança da identidade cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina

Diego Rodrigues da Silva

Mestrando em Turismo e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná, Brasil
Bacharel em Humanidades com ênfase em Turismo pela Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
E-mail: dhiego.rodrigues@hotmail.com

Paulo Afranio Sant'anna

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Brasil
Professor Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Federal dos Vales de Jequitinhonha e Mucuri
E-mail: pa.anna1@gmail.com

Resumo:

Diamantina é uma cidade histórica do circuito turístico interiorano mineiro que vivenciou de forma muito rápida o impulso e as alterações dos investimentos do setor turístico na economia local. Desta forma, tornou-se imprescindível detectar e analisar as intercorrências originadas do contato intercultural do turista com o morador local, tentando sinalizar os principais impactos psicossociais percebidos pela comunidade nessa relação. Enfocou-se o debate sobre o objeto identidade cultural e as alterações que sinalizam um panorama de crise ou mudança da identidade tradicional. Para tal, desenvolveu-se um grupo focal com diamantinenses representantes dos principais setores da atividade turística na cidade. Os resultados refletem importantes apontamentos para o planejamento e gestão sustentável do turismo em Diamantina.

Palavras-chave: identidade, turismo, impacto do turismo, crise/mudança da identidade, Diamantina

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Barreto (2001), a identidade é vista pelos pensadores pós modernos como algo móvel, mutante, que está em constante construção, moldada no contato com o outro e nos diversos olhares que são lançados sobre a realidade. Nesse contexto, o contato intercultural proporcionado pela atividade turística, evidenciando a cultura do turista e do autóctone, é responsável por um processo pleno de contradições, questionamentos e tensões. Como resultado, tem-se, de forma sincrônica ou diacrônica, o fortalecimento da

identidade e da cultura dos atores envolvidos nessa dinâmica, sinalizando alterações positivas até mesmo na cultura do turista que, na alteridade, se redescobre.

Diamantina, uma pacata e tradicional cidade do norte de Minas Gerais, marcada por uma cultura forte construída em torno da atividade garimpeira, vê-se inserida na atividade turística, desenvolvida ao longo dos anos de forma amadora e despretensiosa. Dotada de um patrimônio material e imaterial de importância nacional e internacional, conferindo-lhe o título de Patrimônio Cultural da Humanidade chancelado pela Unesco em fins de 1999, Diamantina é marcada por uma realidade social totalmente alterada pela atividade turística e por outros negócios que tentam subsidiar a economia local. Os estudos realizados sobre a comunidade são escassos e incipientes, limitando-se a eventos específicos como a Vesperata (GUIMARÃES, 2006) ou sobre o patrimônio de uma forma geral (COSTA, 2009; MARQUES, 2009). Busca-se contribuir para o planejamento e fortalecimento da atividade na cidade através da produção de material científico pertinente, visto que o fluxo turístico e a visibilidade alcançados pelo destino apontam transformações que precisam ser verificadas.

Importante destacar que os impactos do turismo, se não forem bem trabalhados, podem pôr em risco, a médio e longo prazo, a cultura local, constituída pela memória e identidade coletivas, bem como pelo patrimônio histórico e artístico, material e imaterial. O fascínio exercido pelos aspectos da cultura do turista pode representar uma ameaça à identidade cultural da comunidade receptora. Desta forma, torna-se imprescindível detectar e analisar as intercorrências originadas do contato intercultural do turista com o morador local, tentando sinalizar os principais impactos psicossociais percebidos pela comunidade nessa relação, enfocando o debate sobre o objeto identidade cultural e as alterações que sinalizam um panorama de crise ou mudança da identidade tradicional.

A construção do marco teórico seguiu a explanação dos três eixos que serviram de referência para o entendimento do objeto de estudo. A primeira seção apresenta uma discussão teórica a respeito do conceito de identidade e mais detalhadamente sobre a identidade cultural, a partir de autores que estão refletindo sobre a sociedade e cultura pós-modernas ou contemporâneas. A segunda seção introduz os conceitos básicos e as definições relativas ao estudo do turismo, em suas várias abordagens. Considerando que o turismo é uma prática social caracterizada pela movimentação de um grande contingente de pessoas com impactos significativos, tanto para aquele que viaja, quanto para aquele que recebe, assim como para a estrutura ambiental e econômica da localidade receptora, apresentou-se uma discussão sobre as diversas dimensões dos impactos do turismo.

Tendo em vista que o objeto desse trabalho são as questões identitárias do diamantinense decorrentes do contato com o turista, o terceiro capítulo se propõe a traçar uma linha histórica do desenvolvimento da cidade atrelando a inserção do turismo nesse contexto, bem como os acontecimentos que impulsionaram essa atividade. Essa discussão se encerra com a análise do perfil da demanda turística de Diamantina e dos principais aspectos que definem o fenômeno. Para tal, optou-se por realizar um grupo focal com diamantinenses, profissionais do setor turístico de diversos segmentos: hotelaria, museus, restaurantes, agências, guias e atrativos, definidos a partir de indicações e contato com líderes locais.

A metodologia utilizada para a coleta dos dados efetivou-se por meio de um grupo focal, uma técnica de grande aplicabilidade em ciências humanas e sociais, estruturado a partir da percepção e concepção da identidade no contexto de mudanças e interferências ocasionadas pelo contato intercultural na comunidade de Diamantina, em especial aqueles oriundos da atividade turística. A seleção dos colaboradores da pesquisa levou em conta o critério de pertença ao fenômeno estudado. A tabulação e análise dos dados coletados

tendo em vista a percepção da identidade no contexto de mudanças e interferências ocasionadas pelo contato intercultural na comunidade de Diamantina, em especial aqueles oriundos da atividade turística, seguiu o modelo de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2002). Através dela centrou-se sobre a percepção da crise/ mudança da identidade que sinaliza questões que indicam a consciência da mudança de certos traços identitários agrupados em três categorias: O fim de um ciclo e o começo de outro, Hiato entre gerações e Rupturas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa que visa identificar os impactos psicossociais relacionados ao contato intercultural proporcionado pela atividade turística na comunidade de Diamantina, focando a discussão sobre as questões de identidade. Estas se pautam pela delimitação de aspectos demonstrativos das mudanças e crise pela qual, supõem-se, vem passando a identidade diamantinense. Nesta perspectiva, definiu-se como colaboradores para compor a amostra da pesquisa, representantes dos mais diversos setores ligados à atividade turística. Como critério de seleção, determinou-se aqueles que eram nativos ou residentes antigos que moravam há mais de 10 anos na cidade. Essa delimitação visou apreender a experiência desses profissionais/residentes no contato com os turistas.

Como técnica de coleta de dados em consonância com os objetivos propostos, optou-se pelo método do grupo focal. Sua aplicabilidade revela-se pela capacidade de proporcionar um debate entre os principais atores envolvidos na realidade contextual investigada, suscitando importantes reflexões e questionamentos acerca do objeto de estudo. Cruz Neto et. al. (2002), ao definir o grupo focal, destacam a oportunidade de reunião de uma determinada quantidade de pessoas num mesmo local e período, coletando, a partir do diálogo e do debate, informações relevantes do tema. Gondim (2003), ao tecer considerações a esse respeito, revela que este está inserido entre a observação participante e as entrevistas em profundidade, configurando-se num importante instrumento de compreensão de como as percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos são construídos.

Cruz Neto et. al. (2002) revelam a importância desta técnica para o futuro da pesquisa social. A possibilidade de discordância e confronto das opiniões no momento de sua exposição que estarão, por sua vez, sujeitas a novas críticas, possibilitam a superação de pontos contraditórios. Além disso, apontam as limitações inerentes a esta técnica que se condiciona às escolhas teórico-metodológicas, do objeto e da coleta das informações pertinentes.

A escolha do instrumento em questão se fez posteriormente a definição do objeto, dos objetivos e da metodologia de pesquisa, pois aquele é por estes influenciados. O pesquisador precisa conhecer as limitações e as possibilidades pertencentes às técnicas que poderão ser utilizadas em seu trabalho.

Ressel et. al. (2008), além das múltiplas aplicações desta ferramenta, revela que é “apropriada nas pesquisas qualitativas, que objetivam explorar um foco, ou seja, um ponto em especial.” (p. 780), destacando o papel de facilitador do moderador que conduz a discussão. Este deve utilizar o grupo como unidade de análise. (GONDIM, 2003). O discurso desse grupo surge da interação grupal, portanto reflete aspectos da identidade do grupo estudado.

Para o presente estudo foi realizado um grupo focal com duração aproximada de duas horas. O grupo foi composto por seis colaboradores representativos de diversos

setores da atividade turística em Diamantina a saber: um dono de hotel, um proprietário de atrativo turístico, um guia de turismo, uma agente de viagens, uma diretora de museu e um representante dos taxistas da cidade. Cinco deles são nativos de Diamantina e um vive e trabalha na cidade há 20 anos, o que atendeu ao critério de pertença ao universo cultural da cidade. Não compareceram 6 dos convidados que haviam confirmado presença. A fim de conservar a identidade e a integridade dos entrevistados, optou-se por numerá-los de acordo com uma ordem preestabelecida pelos pesquisadores num total de 6 participantes.

As questões colocadas em pauta para provocar o debate foram: O que caracteriza o diamantinense? Como o turista enxerga o diamantinense? Como o diamantinense enxerga o turista? Quais impactos da atividade turística para o diamantinense? O debate foi mediado pelo professor-orientador com auxílio do aluno-pesquisador e foi registrado por meio fonográfico. Posteriormente, foi transcrito na íntegra para a análise. A análise se baseou no método de Análise de Conteúdo proposto por Bardin (2002). Após a transcrição, as falas foram recortadas e agrupadas atendendo ao eixo temático Percepção da crise/mudanças da identidade tradicional. A segunda etapa consistiu na identificação das categorias presentes nesse eixo e o reagrupamento das falas que foram consideradas como indicadores para a análise. A etapa seguinte foi a discussão dessas categorias a partir dos indicadores e a sua apresentação na forma de resultados. A etapa final, considerações finais, visou a teorização, a partir do material produzido pelo grupo.

3 IDENTIDADE CULTURAL

A identidade é um elemento psicossocial de formação do indivíduo. Definida como um conjunto de características inerentes a um determinado grupo e por ele, social e culturalmente construídas, a identidade engloba todas as referências materiais e imateriais que dão sustentação ao indivíduo na sociedade. Portanto, são elementos compartilhados que darão um sentimento de pertencimento, fixação e inclusão num dado contexto histórico-social. Ao moldar e orientar nosso comportamento e relação com o mundo, enfatiza-se o caráter de alteridade presente em sua concepção. A medida que se evidencia um reconhecimento do outro, destaca-se o caráter de distinção a partir dos parâmetros de comparação que apontam as similaridades e diferenças existentes entre os grupos. Nesse contexto, reúnem-se dois pressupostos essenciais para a conceituação da identidade: diferença e identificação. (HALL, 1999; BAUMAN, 2005; ROCHA E MONASTIRSKY, 2008)

Hall (1999) coloca que a crise e o confronto fundamentam o aparecimento da identidade, só tornando-se uma questão a partir do momento que algo que supunha como fixo e estático é abalado pela dúvida e incerteza. Na atualidade, o homem apresenta uma outra configuração de identidade, que precisa ser estudada, diferente da aparente estabilidade em que vivia. Assim, “a identidade é o papo do momento, um assunto de extrema importância e em evidência.” (BAUMAN, 2005, p.23)

Ao pensar identidade cultural como uma construção espaço-temporal que se configura em torno de uma cadeia de referências e matrizes sociais, é importante destacar o papel da memória, uma vez que memória e identidade se reforçam mutuamente. Wehling (2003) enfatiza as funções da memória em relação à identidade: “a primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade” (WEHLING, 2003, 13). A relação existente entre memória e identidade cultural se dá no momento em que esse arcabouço de experiência identifica um grupo e cria um fator de diferenciação entre os demais. Ela se faz no presente, criando uma identidade com um tempo histórico que nunca morre. Nesse

sentido a “memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSU & MARCONDES, 1996, p.178)

De acordo com as colocações de Hall (1999), o sujeito pós-moderno vem passando pela chamada “crise de identidade”, provocado por um processo constante de mudanças que deslocaram as estruturas sociais e centrais das sociedades modernas. Ao implicar alterações nos quadros de referência que ancoravam o homem no mundo social, possibilitou uma descentração da identidade do sujeito. “As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 1999, p.07).

Bauman (2005) também analisa a questão da identidade. Para ele, devido ao processo de globalização, à falência da instituição do Estado e de outras representações que serviam de referência ao sujeito, ao neo-liberalismo e à conseqüente liberdade/insegurança do “mundo líquido”, os sujeitos da pós modernidade se encontram em um mundo mais dinâmico, em que a falta de pilares norteadores os deixam livres, abertos a escolhas e a novas alternativas de definição da identidade num mundo em constante transformação. Esse fenômeno de fragilidade e provisoriedade da identidade, visto como recente pelo autor agravou-se porque as forças antes determinadas a ocultar a instabilidade da identidade perderam o interesse em fazê-lo, ou seja, mantê-la unificada. As identidades que antes eram coletivas e conjuntas, agora se configuram num plano de individualidade e separabilidade. (BAUMAN, 2005) estando atrelada a um processo de escolhas e decisões que o indivíduo é capaz de fazer diante de experiências e demandas futuras, que as vezes são opostas e ambíguas entre si. “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas.” (BAUMAN, 2005, p. 35) “São muitas identidades, novas, tentadoras, sedutoras que se apresentam para as pessoas, mas que se encontram limitadas pelo “prazo de validade”. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p.33), abrindo brechas para novas identidades. Diante dessa realidade, destaca-se o caráter transformador da identidade.

No pensamento pós- moderno, a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldada no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante. O contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura do residente, desencadeia um processo pleno de contradições, tensões e questionamentos, mas que, sincrônica ou diacronicamente, provoca o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos e da comunidade receptora e, muitas vezes, o fortalecimento, do próprio turista que, na alteridade, se redescobre. (BARRETO, 2001, p. 19)

4 TURISMO: DESAFIO CONCEITUAL E IMPACTOS

Dias (2003) salienta que o turismo é uma necessidade e que figura entre um dos direitos do ser humano, caracterizado como um indicador de qualidade de vida, uma vez que o descanso e recreação se tornam as principais razões para o aproveitamento do tempo livre. Já que existe uma demanda latente por viagens e uma cadeia de serviços, esta procura sempre completar o produto turístico, satisfazendo às necessidades e exigências dos consumidores. O turista se insere na demanda de determinada economia principalmente pela exigência mínima de que o turismo se desenvolve fora do ambiente habitual das

peessoas, com o mínimo de uma pernoite. Urry (1996) considera o turismo como indústria: a indústria sem chaminés, a indústria limpa, a indústria do turismo. Porém existem muitas controvérsias em relação a esta abordagem. Muitos dos autores da abordagem econômica do turismo chegaram a um consenso de que essa atividade é um fenômeno a exemplo de Panosso Neto (2005). A multiplicidade de conceitos em torno da definição de turismo só comprova a complexidade do fenômeno, que tem como base e mola propulsora o elemento humano, dicotômico e plural em todas as suas dimensões. (BARRETO, 2000). No entanto, mesmo com toda a diversidade, Marques (2009) considera que todos os conceitos têm alguns pontos em comum como: “realização de uma viagem ou deslocamento, o retorno do viajante, a temporalidade do deslocamento, a existência de um núcleo emissor e de um receptor, e a motivação turística. Porém o termo está longe de alcançar um consenso”. (p. 131) Ramos e Figueiredo (2008) destacam a necessidade da análise do turismo sob uma perspectiva holística, como uma prática cultural. Enfatiza-se assim todas as relações e contatos entre culturas distintas, tentando abarcar o turismo como um todo, sem privilegiar uma determinada faceta do fenômeno.

O turismo, na qualidade de prática social, é considerado como um dos principais fatores de modificação espacial, pois os elementos desse espaço como as paisagens e os recursos naturais, se tornam atrativos ou produtos que serão consumidos pelos turistas. Considera-se, portanto, o impacto do turismo como qualquer resultado ou desdobramento, por menor que seja, decorrente de uma atividade turística, que pode ser de natureza negativa ou positiva, sendo muitas vezes difícil separar as decorrências diretas da atividade turística das influências causadas por outros fatores. (SILVA e FILHO, 2009) Vários autores (PAIVA, 1995; SEVERINO, et. al., 2006; MACIEL et. al., 2008; PEREZ, 2009) compartilham da ideia de que os impactos da atividade turística podem comprometer diversas áreas, classificando-os para fins de estudo em impactos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Entretanto esses impactos ocorrem de forma integrada e interdependente, uma vez que a atividade turística não é um conjunto dissociado em partes que evoluem de maneira separada e aleatória. Para o presente estudo, destaca-se a presença dos impactos socioculturais desenvolvidos na comunidade receptora a partir das implicações turísticas.

Assim, significa que a comunidade receptora entrará em contato com pessoas estranhas, muitas vezes com modos de vida bastante diversos, portadoras de algo mais do que apenas o poder de compras; trazem, pois, um peculiar modo comportamental. Assim, esse contato da população local com os turistas resulta no estabelecimento de uma relação em que podem ocorrer mudanças socioculturais, principalmente na sociedade visitada — na estrutura familiar, no estilo de vida, nas manifestações artísticas, em cerimônias tradicionais, no sistema de valores, no comportamento individual, enfim em toda a organização social. (SILVA e FILHO, 2009, p. 5)

Mesmo diante da dificuldade de mensuração e contabilização dos impactos que incidem sobre a qualidade de vida (BARRETO, 2005), é importante proceder a uma análise social do turismo, na qual, a estrutura social anterior à chegada do turismo é comparada com a atual, visando à identificação dos impactos positivos e negativos dessa atividade. Perez (2009) chama a atenção para o fato de que os processos de mudança gerados pelo turismo são diversos e dependem da estrutura social da comunidade em que se desenvolve. Desta forma, pode incidir sobre a afirmação ou resistência a determinados elementos dessa estrutura, reforçando-os ou oportunizando a mobilidade social. Existem de fato, poucos instrumentos e modelos de mensuração de impactos sociais, dentre os quais se pode citar,

pelo valor considerável para a teoria do turismo, “O ciclo de vida de uma destinação turística de Butler (1980), as Fases do crescimento turístico de Fernández Fúster (1975) e o Modelo evolutivo da mudança nas atitudes dos residentes para com os turistas, também conhecido como Modelo ou Índice de irritação de Doxey (1975)” (AIRES, FORTES, 2001, p. 25) Segundo Barreto (2005), este último esquema é de suma importância, pois é uma ferramenta de grande aplicação na detecção dos impactos sociais, psicológicos e culturais.

5 DIAMANTINA: CONTEXTO HISTÓRICO E ATIVIDADE TURÍSTICA

Segundo Martins (2000), a formação do Arraial do Tijuco, atual Diamantina, ocorreu a partir da ligação territorial de quatro arraiais menores: o Arraial de Baixo, o de Cima, o do Rio Grande e o dos Forros, contribuindo para isto o fluxo migratório e a vinda de autoridades coloniais para a região. Em torno de todo o rebuliço social oriundo da descoberta e extração de diamantes, firmou-se uma legislação responsável por organizar e estruturar a exploração e a cobrança de impostos, bem como a permissão da extração diamantífera somente aos donos de escravos, que pagavam um tributo pela sua posse, e aos representantes da nobreza real no período compreendido entre 1729 e 1734. Nesse ano, o Distrito Diamantino foi demarcado representando um território maior que ao atual município. Entre 1734 e 1739, como forma de conter o declínio do preço do diamante no mercado, muito sensível à relação da oferta e procura, a Coroa portuguesa foi obrigada a limitar a extração dos diamantes e o contrabando cada vez mais comum na região, suspendendo de vez a exploração das minas.

A partir de 1771, encerra-se a fase dos contratos e com objetivo de conter ao máximo o contrabando e a corrupção em torno da exploração das pedras preciosas, Diamantina passa a viver um período de regulação social e econômica por meio da instauração do Regimento Diamantino, documento legislativo que estabelecia a privação e a restrição e todo o processo extrativista diamantífero ao Império Português. Também conhecido como o Livro da Capa Verde, esse regimento, segundo Saint-Hilaire (1974, p.13 apud FURTADO, 2008), “fez com que o Distrito Diamantino fosse regido por uma administração particular, formando um “Estado à parte”, isolado dos estrangeiros e até mesmo dos nacionais, no controle rígido e no sistema administrativo mais peculiar visto até então no Brasil”.

Diamantina também viu crescer o setor de serviços e passou a concentrar órgãos da administração pública. Na década de 1860, foram fundados o Colégio de Nossa Senhora das Dores (educandário feminino) e o Seminário Episcopal. Na virada do século, havia o Hospital de Alienados, o Hospital da Misericórdia de Santa Isabel e o Hospital de Nossa Senhora da Saúde; na cidade ficavam as sedes do 4º Batalhão de Polícia, da Sub Administração dos Correios e da Repartição Geral dos Telégrafos. (MARTINS, 2000, p. 70)

A migração dos trabalhadores responsável pela queda da atividade garimpeira a partir da década de 70 quando se verificou uma substituição de técnicas mais sofisticadas em detrimento das tradicionais, é indicativa de um declínio, mas não de uma queda definitiva da atividade garimpeira verificada ao longo dos anos. Porém, para atender o discurso ambientalista, a legislação mineira proibiu a extração dos recursos naturais, dada a degradação ambiental provocada por ela. A partir de então, a atividade dos garimpos passa a minguar, sobrevivendo, em baixa escala e de forma clandestina. É nesse contexto, conjuntamente com a declaração do Patrimônio Mundial, que o turismo se apresenta como

uma nova possibilidade geradora de renda. Segundo entrevistas do grupo focal, percebeu-se que essa proibição ocorreu na mesma época da conquista de Diamantina do título de Patrimônio da Humanidade, havendo assim uma fase muito tênue entre a proibição da atividade garimpeira e do impulso dado ao turismo da cidade com a condecoração da UNESCO.

No contexto de valorização e expansão da atividade turística no Brasil, que a cidade de Diamantina descobre neste ramo econômico uma oportunidade para desenvolver a economia local (MENDONÇA, 2005). Cidade histórica, dotada de um grande patrimônio simbólico referenciado em seu conjunto arquitetônico secular, manifestações artísticas e culturais de importância histórica nacional, é capturada pelo turismo. Além disso, outro fator que impulsionou esse mercado e deu à cidade um selo de destino competitivo frente ao turismo nacional foi o título de cidade histórica Patrimônio Cultural da Humanidade concedida pela UNESCO no final do ano de 1999. “São oito as cidades brasileiras inscritas atualmente na Lista do Patrimônio Mundial, Ouro Preto (MG), Olinda (PE), Salvador (BA), Congonhas (MG), Brasília (DF), São Luís (MA), Cidade de Goiás (GO), e por fim, Diamantina (MG).” (COSTA, 2009, p. 60)

Aliado a isso, a cidade volta-se para a atividade educacional, outra possibilidade de fomentar a economia e a qualificação profissional. Em Diamantina, além da UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri), há outras instituições de nível superior como a FCJ (Faculdade de Ciências Jurídicas) agregadas a UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais), a UNOPAR (Universidade do Norte do Paraná), e cursos de nível técnico, em sua maioria, oferecidos pelo SENAC (Serviço Nacional do Comércio) que se apresentam como mais um recurso de capacitação para os diamantinenses, inclusive oferecendo cursos esporádicos ligados ao mercado turístico. (PEREIRA, 2005). São formas de sanar a demanda por mão de obra especializada atuando efetivamente na melhoria dos serviços que são prestados na cidade. A tendência do aumento do número de vagas com a construção e ampliação do Campus JK têm atraído universitários, professores e técnicos de todas as partes do país. Fenômeno que contribui para o aumento dos índices de ocupação urbana, de especulação imobiliária, do número de estabelecimentos prestadores de serviços e da qualidade desse atendimento, pois a concorrência implica na melhoria e adequação dos serviços. Enfim, esta população de caráter flutuante não se insere na categoria de turistas pelo comportamento, motivação e tempo de permanência, mas impactam de forma significativa na dinâmica urbana e no modo de vida das pessoas locais.

Diamantina é uma dessas cidades que compõe o tradicional roteiro das Cidades Históricas Mineiras, um dos produtos turísticos em desenvolvimento no estado, fazendo parte do Circuito Turístico dos Diamantes. Juntamente a ele, outro fator que justifica o destaque turístico diamantinense é a sua inclusão na área de influência da Estrada Real, denominado Caminho dos Diamantes, rota que liga o município a Ouro Preto sob a gerência do IER (Instituto Estrada Real) pertencente à FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais). (MARQUES, 2009)

Dentre os atrativos que a cidade de Diamantina apresenta ao turista, destacam-se o Carnaval e a Vesperata, eventos que movimentam um grande contingente de pessoas em períodos específicos do ano. Esta última representa o principal produto de comercialização turística da cidade. Criada na época da campanha de Diamantina a titulação de Patrimônio Mundial, A Vesperata é um evento de caráter musical realizada ao ar livre, na famosa Rua da Quitanda, vulgar Baiúca. Essa atração denota o caráter musical da cultura diamantinense, reconhecida e consolidada durante anos, de influência portuguesa e manifestada em vários aspectos e acontecimentos da vida do morador local. São expressões de valor histórico ressaltando o papel da música na orientação religiosa e educacional do

povo diamantinense. Segundo Guimarães (2006, p. 48), “em Diamantina, a música se faz presente em todos os rituais de passagem da vida das pessoas – nascimentos, batizados, aniversários, noivados, casamentos, formaturas – tornando-se enfim, elemento indispensável nas manifestações sociais em geral”. Ainda destaca a consolidação desta como um evento cultural turístico e sua capacidade inata de atração de fluxos turísticos constantes, comprovado pela sua expressividade e reconhecimento junto aos meios de comunicação e sítios especializados de turismo. (GUIMARÃES, 2006).

Segundo um estudo denominado Perfil da demanda turística real de Diamantina e região desenvolvido por Silveira e Medaglia (2011), constatou-se que a demanda diamantinense é composta de pessoas de ambos os sexos, bem distribuídas nas faixas etárias, com boa formação escolar e com elevado padrão financeiro, se considerado o padrão de renda do Brasil. O principal emissor é o próprio estado de Minas Gerais, com destaque para centros urbanos como Belo Horizonte e Montes Claros. A demanda é de caráter predominantemente familiar, de pessoas que viajam em pequenos grupos, na maioria das vezes em veículo próprio, permanecendo por um período que varia de 2 a 3 dias, principalmente aos finais de semana, sendo que a maioria (82%) se hospeda em hotéis e pousadas, seguidos de casas de parentes, amigos e pensões. Configura-se como uma demanda independente, pois não tem tradição de comprar pacotes turísticos. Dentre os principais atrativos, destacam-se a cultura local, a arquitetura e a Vesperata.

6 RESULTADOS : PERCEPÇÃO DA CRISE/MUDANÇA DA IDENTIDADE

Este eixo de análise do grupo focal é composto por indicadores que expressam a percepção de crise de identidade e das mudanças decorrentes dela. Sugerem, além da percepção dos elementos que constituem ou que confrontam a identidade local, os elementos de mudança, ou seja, traços identitários que já não estão mais presentes. Esses indicadores foram agrupados em três categorias que expressam diferentes formas de perceber a mudança, a saber: como o fim de um ciclo e o começo de outro, como um hiato entre gerações e como uma ruptura.

7 FIM DE UM CICLO, COMEÇO DE OUTRO

Destacam-se dois fenômenos que tiveram impacto sobre a identidade local. Primeiro o fim da atividade garimpeira deixando boa parte da população ociosa e o início da atividade turística com pretensões econômicas e mercadológicas, que vê na concessão do título de Patrimônio Cultural da Humanidade um estímulo maior para construir uma imagem sólida perante os demais circuitos tradicionais da Minas Gerais colonial e do Brasil. Outro fenômeno está relacionado à instalação da UFVJM em Diamantina e todas as demandas por ela geradas, seja pela criação de novos espaços, novos serviços e novas relações. Essas mudanças não ocorreram de forma amistosa, pois têm provocado conflitos e a insatisfação dos moradores locais. O aumento populacional e o fluxo de pessoas derivado dessas atividades, por si só, impõem um reajustamento da sociedade diamantinense em diversos aspectos. Enfim, a mudança da economia local do extrativismo mineral para a economia de serviços na área do turismo e da educação faz que esses fenômenos sejam percebidos como parte de um novo ciclo que se inicia. “Diamantina tá passando e passou por esse processo em relação ao diamantinense que saía, muitos em busca de trabalho, mas também está recebendo outras pessoas em função da universidade (...). Então é um outro ciclo que começa. Talvez uma nova identidade aqui dentro da cidade.” (E2, 2011)

As mudanças na economia geram outras mudanças. A “Diamantina tradicional”, com seus costumes arraigados e um modelo de vida estabelecido, transforma-se para acolher a multiplicidade e diversidade. De sociedade homogênea, marcada por certa uniformidade de valores, costumes e práticas sociais passa a ser percebida como sociedade “mesclada”, heterogênea, com costumes que fogem aos modelos tradicionais e que se configura de forma mais complexa. Essas transformações geram uma perda de identidade, como se aqueles elementos que definiam o diamantinense há algum tempo atrás, não fossem mais suficientes para definir o diamantinense de hoje. Pelo fato da cidade receber novos moradores, temporários e permanentes, constata-se que este diamantinense, tem diversas faces, múltiplas origens, que vão moldando outra identidade que caracteriza esse novo ciclo. “Eu concordo plenamente de que o diamantinense realmente para ser definido hoje é mais difícil, porque está realmente muito mesclado, O número de pessoas que moram aqui...” (E5, 2011) “Essa característica do diamantinense que tinha uma característica assim, de muito hospitaleiro, de muito comunicativo, isso pela própria vida e pela própria modificação da vida está se perdendo e existe hoje um crescimento muito rápido da cidade.” (E2, 2011)

O que muda também são os valores. Na sociedade estruturada em torno da atividade garimpeira, o valor estava na construção de um bom cidadão, na educação refinada, nas relações sedimentadas na afetividade, na amabilidade, no respeito e na cordialidade. Na sociedade atual, impregnada pela ótica capitalista, dá-se mais importância aos valores materiais, em relações sociais pautadas na frieza, no individualismo, na desconsideração e no desrespeito com o próximo.”A maioria das pessoas, agora, está muito fria. O valor material está acima de tudo. Então o respeito e a educação estão ficando muito aquém. Não tem mais o traço do diamantinense mais antigo”(E1, 2011). Em relação ao turismo, parece haver a percepção de que é hora de estruturar melhor essa atividade em Diamantina. Refletir sobre os problemas gerados pela atividade turística, sobre a falta de articulação dos empresários, da população e do poder público, e assumir responsabilidades representa o início de um processo novo em curso na comunidade. Este tem estimulado iniciativas conjuntas que convidam toda a população a agir com um objetivo comum, o bem-estar e a qualidade de vida da população. “Acho que não existe um responsável. Eu acho que o responsável somos todos nós que estamos agindo nesse contexto. O poder público é responsável, é claro que é e muito. A universidade é responsável, é claro que é.” (E3,2011)

O garimpo e o turismo guardam entre si elementos semelhantes que se expressam de forma diferente, o que de certo modo, faz que esse novo ciclo seja percebido como uma nova maneira para atingir as mesmas metas. A semelhança está na constituição das duas atividades que exploram recursos naturais e se realizam em torno de um sonho. Muda, entretanto, a forma de se alcançar esse sonho. Mesmo que não tão evidente como no garimpo, o turismo também pode ser sonhado, idealizado e mentalizado numa prática que almeje, acima de tudo, o enriquecimento cultural de seus participantes. A diferença se dá no fato de que a atividade garimpeira lida muito com a matéria, com os elementos sólidos, que não demandam grandes recursos nem muita especialização para acontecer. A atividade turística, ao contrário, demanda uma série de serviços, mão de obra especializada, e lida com um capital heterogêneo, complexo e subjetivo: o ser humano. Nesse processo, se constroem relações e a forma de lidar com o outro é o que conta.”É diferente, porque uma é muito matéria, a pessoa vive de um sonho, mas ela está tocando, ela está pegando, ela está lidando com a terra, com o cascalho, a outra não, ela está lidando com pessoas, ela tem que conversar, você tem que ter um determinado conhecimento.” (E3, 2011)

8 HIATO ENTRE GERAÇÕES

Essa categoria é composta por indicadores que sugerem que a crise da identidade é percebida como um “hiato” entre as gerações de diamantinenses. Esse hiato ocorre devido à ausência de transmissão dos valores e da cultura de Diamantina entre as gerações. A transferência dos elementos culturais que sustentam a sociedade não está acontecendo, o que faz que a nova geração não se identifique com a cultura local e não estabeleça elos de continuidade com a história da cidade. “As famílias que se preocupavam em ser educadas estão indo embora. O pessoal está muito velho e os novos estão partindo para outra direção. Não tem não. Não tem mais aquele “elo” mais” (E4, 2011). A perda de conexão com a história e cultura da cidade pode gerar impactos negativos para o turismo de Diamantina, que tem como foco principal o seu patrimônio histórico e cultural. Teme-se que as novas gerações não tenham recursos para transmitir os elementos da cultura que não vivenciaram, devido a falta de contato com costumes tradicionais, com as expressões artísticas e materiais, com ritos e mitos da região” E aí você começa a não ter quem seja o interlocutor com esse turista. Diamantina é como se ela estivesse sem alma. Então assim é muito grave” (E3, 2011)

Essa lacuna entre as gerações também é verificada em relação ao tratamento e a valorização dadas a cidade. Confrontam-se nesse contexto dois grupos: a geração tradicional que respeita e preza pela cidade, não permitindo a deterioração de seus edifícios nem a ocupação descomedida das residências e uma geração atual, descompromissada com a cidade, que não tem apego ao valor de suas construções e da sua estrutura urbana. Esta contribui para a invasão da cidade e estimula o desrespeito para com os moradores. A atitude depredadora dessas pessoas acaba autorizando o turista a agredir a estrutura do local. Essa situação é muito frequente durante o Carnaval quando muitos moradores alugam suas casas como forma de angariar recursos, mas não levam em consideração os impactos negativos que a superlotação da cidade tem para a conservação do seu tecido urbano. “Não existe uma exigência de respeito com relação à cidade. Porque se eu saio, entrego a minha casa e ponho lá quarenta pessoas, porque eu sai e abandonei, eu estou possibilitando uma falta de respeito muito grande na cidade.” (E6, 2011)

9 RUPTURAS

Outro aspecto significativo apontado pelos participantes do grupo focal, no que concerne a percepção da crise e das mudanças pela qual tem passado a identidade diamantinense, refere-se às rupturas com alguns elementos tradicionais da cultura local. Nesse contexto, destaca-se o Carnaval como uma manifestação genuína da cultura de Diamantina, que foi totalmente descaracterizada a ponto de perder as referências com a população e a cultura local. O Carnaval tradicional era o das marchinhas e dos blocos familiares, que convidava o diamantinense à folia. Um modelo antigo, similar ao de outras cidades históricas. Esse modelo se rompe, dando origem a uma festa que deixa de ser uma expressão da cultura local, para ser uma festa que utiliza a cidade como cenário. Esta situação tem gerado uma expulsão gradual de seus moradores. Os ganhos financeiros são questionáveis e beneficiam a poucos, portanto não pode ser um argumento a favor do atual modelo de Carnaval. “O Carnaval está seguindo o mesmo modelo de Ouro Preto, do Carnaval de Olinda. Nós tínhamos um carnaval de qualidade. Existem cidades que têm um carnaval assim. Nós tínhamos esse modelo”. (E3, 2011)

O novo modelo de Carnaval se aproxima das festas promovidas nos grandes centros urbanos e é resultado de “uma política pública que tem nome e gestor” e baseada numa proposta que tem como objetivo abrir a cidade aos visitantes sem considerar a população local. Esta proposta não tem nenhum tipo de organização e apresenta inúmeros impactos negativos para a cidade. Ou seja, isso remete a idéia não somente de uma mudança, mas de um rompimento com o estilo de carnaval que a cidade queria para ela. “A cidade abandonou o que ela tinha como Carnaval. (...) Adoro Carnaval e sinto muito profundamente porque eu deixo de sair de casa no Carnaval. Não é porque eu não gosto não. Eu adoraria, é porque eu já não dou conta, já fui e aquilo ali, eu não estou disposta”. (E3, 2011). Uma certa postura em relação à cidade estava subtendida nas relações entre os seus habitantes, uma vez que havia uma identificação coletiva com esse território. Nesse sentido, a cidade representava um aspecto da identidade e como tal era valorizada e preservada. Com a mudança dos modos de vida gerada pelo grande fluxo de pessoas, rompe-se esse elo com a cidade. O respeito em relação aos espaços públicos, aspecto marcante da urbanidade diamantinense, deu lugar a degradação da cidade, que em muitos casos é reflexo do descaso e do descompromisso dos moradores com o seu próprio território enquanto espaço de convivência e habitação.

Isto tem impactos na relação que as novas gerações têm com o patrimônio cultural como um todo, pois a memória histórica está se perdendo, pois não há mais pessoas interessadas em manter esse conhecimento e intermediá-lo com os turistas. “Eu não acredito em recuperação de memória. Ela é fluida e é vida. Ou eu lembro de uma folia de reis (...) ou vai ser impossível e passo isso para os meus filhos, sentar com meu filho e dizer para ele: folia é ótimo, você vai gostar.” (E3, 2011) Entretanto, o patrimônio material não é suficiente para manter viva a memória e as tradições de uma cultura, dois conceitos basilares para o entendimento da identidade como apresentado anteriormente. De acordo com a discussão realizada no grupo focal, há uma preocupação em torno da conservação dessa memória frente as mudanças do mundo pós-moderno.

Daqui a algum tempo, o que essa juventude vai contar pro turista porque ainda temos uma tradição, uma história e uma oralidade para passar pros filhos. Mas, e com o tempo, esse esvaziamento, como vai ser posto isso no lugar? São nossos valores. Ninguém está vindo aqui para saber se eu sou intelectual ou não. Ele quer saber o que eu tenho para contar sobre aquela peça ali, se ela veio de Boa Vista. Ah, onde é Boa Vista? Ah, foi um antigo entreposto comercial em detrimento de um garimpo, que se instalou ali. E que tem uma história. Ah, uma câmera fotográfica belga em Diamantina? Belga sim, porque veio um belga aqui explorar diamante. E quando isso se esgotar, não tiver mais pessoas para poder alimentar essa cultura que de certa forma a gente é tão apegada a ela, que ela é nossa origem, é nossa origem. (E3, 2011)

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu da necessidade de investigar a relação existente entre a comunidade de Diamantina e os turistas que frequentam a cidade, tendo em vista que este contato intercultural acarreta diversos impactos na dinâmica e o modo de vida local. As transformações advindas deste encontro influem em diversos aspectos da vida do morador local e se manifestam de forma inconsciente no comportamento das pessoas. Pearce (1982 apud NETO & FREIRE, 1990) fazendo uma análise dos poucos estudos realizados sobre

os impactos psicossociais do turismo nas comunidades locais, conclui que o impacto é maior quando as comunidades receptoras são pequenas e isoladas. São também mais perceptíveis quando se toma, a exemplo deste trabalho, uma cidade do interior como Diamantina, pacata, tradicional, com um expressivo patrimônio histórico e artístico, que ainda está em processo de inserção na nova dinâmica global.

Através da análise do grupo focal, pôde-se observar que os impactos levantados sobre a comunidade de Diamantina e que incidem sobre a configuração e percepção da identidade dos seus moradores, advêm de três vertentes principais: impactos gerados pelo turismo, impactos gerados pelo fim do garimpo e impactos advindos da ampliação da universidade.

A atividade turística impacta de forma significativa a identidade da população de Diamantina, pois atrai uma parcela considerável de turistas que, em sua maioria, representa um aumento da demanda habitual de serviços. Visitantes de todas as partes indicam e sinalizam uma necessidade de aprimoramento e melhoramento de serviços e bens que são ofertados a esse público, e questionam aspectos da identidade local, como a imagem de um povo hospitaleiro. À medida que o turismo permite a entrada de pessoas que exigem serviços com padrões de qualidade globalizados, distantes do modo regional de acolhimento, geram impactos que se traduzem no sentimento de impotência. Diante de um consumidor exigente e “sofisticado”, as pessoas se percebem despreparadas e sem qualificação para atuarem numa atividade que exige especialização, sensibilidade e habilidade para lidar com pessoas, etc. A mudança do ciclo econômico de Diamantina, do extrativismo mineral (garimpo) para o setor de serviços (turismo e universidade) tem repercussões profundas para o modo de vida local e, portanto, traz questões de ordem identitária. Nessa nova conjuntura os modos de ser e de fazer se revelam ineficazes e demandam mudanças. Os empresários locais ainda não conseguiram se articular em torno de metas comuns, e trabalham de forma isolada, visando os seus próprios interesses.

A eclosão da atividade turística com o título de Patrimônio da Humanidade, concomitantemente ao declínio da atividade garimpeira gerou uma falsa relação de causa e efeito entre esses dois eventos. Grande parte da população que vivia do garimpo atribui a proibição dessa atividade ao turismo. O desenvolvimento da atividade turística ocorreu de forma improvisada, sem um trabalho de conscientização e educação que pudesse garantir a migração e a inserção dos trabalhadores garimpeiros na mesma. A falta de conhecimento e compreensão a respeito da atividade turística e do que ela vem propor, acaba provocando a exclusão daqueles que teriam neste setor um novo meio de sobrevivência. Portanto, parte da população diamantinense não se identifica com o turismo, não participa do seu processo de desenvolvimento e fica marginal às possibilidades que ele oferece, o que, por sua vez, acaba impactando negativamente na consolidação dessa atividade na cidade. Souza e Filippo (2006) trazem uma interpretação positiva e negativa dessa particularidade: como qualidade da personalidade local que por sua vez, compõem o patrimônio e como disputa diária do espaço local entre os moradores e os visitantes.

Em relação aos impactos gerados pela ampliação da universidade, estes parecem se sobrepor, no que diz respeito aos aspectos negativos, aos impactos gerados diretamente pelo turismo ou pela mudança da atividade econômica. Esse dado sugere duas possibilidades de leitura; uma que diz respeito à intensidade desses fenômenos, outra, à sua natureza. A ampliação da universidade ocorre de forma mais intensa e definitiva, ou seja, atrai novos habitantes, como novos hábitos e necessidades. O turismo, do modo como está estruturado em Diamantina, atrai um público ocasional, cujas demandas são mais localizadas e menos constantes. Entretanto, em relação à natureza desses fenômenos, elas se aproximam, pois representam uma mudança da cultura da cidade construída a partir do

garimpo. Nesse sentido, aparecem no imaginário local de forma pouco discriminada, ou seja, quando há referências a um, parece também haver referência ao outro.

Uma dinâmica interessante se configurou ao longo do grupo focal. No primeiro momento predominaram as críticas e as expectativas idealizadas em relação à universidade, como se esta tivesse a capacidade e o dever de resolver os problemas da cidade. No final da discussão, surgem falas mais realistas e críticas que atribuem à responsabilidade da situação atual do turismo em Diamantina, à população, aos empresários e aos gestores. Destaca-se que não há um movimento dos empresários e gestores do turismo em relação à oferta de recursos educacionais, seja por meio de parcerias ou de iniciativas próprias, que favoreçam a profissionalização da população.

Em relação aos aspectos identitários decorrentes do contato intercultural com o turista, a análise dos dados implicou na identificação de aspectos e elementos que revelam alterações na percepção da identidade cultural tradicional diamantinense. Tendo em vista o contexto de transformações que influenciam diretamente na identidade, é possível afirmar que Diamantina sofreu um conjunto de mudanças que colocaram a identidade em uma condição de crise, pois aquilo que antes servia de referência para o indivíduo diamantinense, não possui mais a solidez e a validade que possuía antes. No grupo focal, diversas percepções apresentaram essas mudanças, ora como o fim de um ciclo e o começo de outro, ora como rupturas bruscas nos padrões vigentes e ora como um hiato entre as gerações. Assim, as mudanças percebidas pelo grupo podem indicar a capacidade da cultura diamantinense de se adequar às novas demandas e realidades, reajustando-se para manter a estrutura da sociedade. Por outro lado, a descontinuidade de um modo de vida e de seus sistemas de valores pode ser percebida como uma ruptura. Na atual conjuntura sociocultural, em um mundo acelerado e veloz, as coisas são trocadas e reformuladas a todo o momento, pois a utilidade dessas estruturas são confrontadas com a durabilidade, cada vez mais fugaz. (BAUMAN, 2005)

Um aspecto que chama a atenção na análise do grupo focal é a ausência de referências ao caráter religioso, tão presente na constituição da cidade e da identidade do diamantinense. As referências religiosas encontram seus marcos nas edificações espalhadas ao longo da cidade e ajudam a compor o centro histórico, assim como, nas manifestações e eventos religiosos que fazem parte do calendário turístico da cidade e nas expressões e costumes religiosos do dia a dia. Do ponto de vista da identidade, essa omissão pode ser justificada pelo fato de a religiosidade não ser nem afirmada, nem confrontada no encontro com o turista. Portanto, nesse contexto, a religiosidade não se apresenta como uma questão identitária.

Outro aspecto de interesse é que existe uma contradição em relação à concepção do que é a comunidade de Diamantina. Nas falas dos participantes do grupo focal, se evidencia a existência de duas Diamantinas, dicotômicas entre si. De um lado, uma Diamantina idealizada, refinada, de tradições europeias e reconhecida pelo seu valor histórico e cultural. Uma cidade que se consolidou em torno de uma hegemonia econômica, de um passado colonial de muita riqueza e status que encontra seus remanescentes nas famílias mais tradicionais e antigas da cidade. Por outro lado, existe a Diamantina regional, sertaneja, com uma cultura forte representada pelas manifestações e costumes característicos de camadas sociais mais populares e que até hoje não encontra espaço, nem é valorizada em suas tradições. São expressões das culturas negra, sertaneja, indígena e das regiões periféricas, de uma culinária vasta e miscigenada que não foram destacadas por nenhum dos participantes. Isto sugere que a concepção de cultura predominante no grupo não tem relação com o conceito antropológico de cultura, haja vista que os participantes consideraram a cultura como um sinônimo de erudição e como

se esta fosse privilégio de um determinado grupo social. Nesse sentido, desconsideraram a cultura enquanto processo de produção humana, e como tal, pode ser elaborada por qualquer agrupamento humano que vive em sociedade. Existem assim várias culturas. Não há uma restrição para a caracterização das culturas e todas têm o seu valor. Isto também pôde ser percebido pelos silenciamentos em torno da musicalidade típica dos grupos menos favorecidos da cidade, que não encontram representação frente aos demais.

Comentários levantados no grupo focal referentes à demanda turística de Diamantina vão ao encontro da pesquisa de demanda turística de Diamantina e região (SILVEIRA & MEDAGLIA, 2011). Os turistas de Diamantina são, em sua grande maioria, de terceira idade, com uma boa condição financeira, vem à cidade motivados principalmente pelo caráter cultural de seus atrativos, tendo como um dos principais produtos de comercialização a Vesperata. Um turista selecionado, que gosta da cidade e retorna sempre que pode, mas que fica pouco tempo na cidade, apesar do grande potencial que pode ser explorado.

Referências

AIRES, Jussara Danielle Martins; FORTES, Lore. O Modelo Irridex de Doxey: breves considerações acerca de sua aplicação em Ponta Negra. Natal, RN: **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, vol. 1, n. 1, p. 23-33, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>> Acesso em: 15/09/2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BARRETO, Margarita Barreto. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO,C.; BRUNS, H.T. e LUCHIARI, M.T.(Orgs.) **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 17- 33.

BARRETTO, Margarita. **Planejamento responsável do turismo**. Campinas: Papyrus, 2005. 111 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

COSTA, Everaldo Batista da. **A dialética da construção destrutiva na consagração do Patrimônio Mundial**: o caso de Diamantina(MG) – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009, 281 p. Dissertação (mestrado) – Programa de pós-graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-05022009-150209/pt-br.php>> Acesso em: 25/08/2013.

CRUZ NETO, Otávio et. al. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa**: o debate orientado como técnica de investigação. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., 2002, Ouro Preto, MG: FIOCRUZ, p. 1-26, 4-8 de nov. 2002

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo:** política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003. 226 p.

FURTADO, Júnia Ferreira. **O Livro da Capa Verde:** o Regimento Diamantino de 1771 e a vida no Distrito Diamantino no Período da Real Extração. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2008. 234p.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, S/l, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> > Acesso em: 25/08/2011

GUIMARÃES, Elaine Porto. **Estudo dos impactos causados pelo turismo de eventos culturais em localidades turísticas:** o caso da Vesperata em Diamantina – MG. Belo horizonte: Centro Universitário UNA, 2006, 97 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

MACIEL, Nelson. A. L.; PAOLUCCI, Luciana; RUSCHMANN, Doris. V. de M.; Capacidade de carga no planejamento turístico: estudo de caso da Praia Brava – Itajaí frente à implantação do Complexo Turístico Habitacional Canto da Brava. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 2, n. 2, p. 41-63, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/turismo/index.php/rbtur/article/viewPDFInterstitial/102/101> > Acesso em: 13/09/2011.

MARQUES, Daniel Anilton Duarte. **Estrada Real:** patrimônio cultural de Minas Gerais (?) – um estudo de Diamantina e Serro. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2009, 270 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional em Turismo, Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/8153>> Acesso em: 01/09/2013.

MARTINS, Marcos Lobato. **Da bateia à enxada:** Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. Diamantina: Ed. Fafidia, 2000.

MENDONÇA, Marcelo Pereira de, et. al. **Evolução do mercado de trabalho no turismo em Diamantina:** uma contribuição para reflexões de estratégias voltadas para o desenvolvimento local. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A094.pdf > Acesso em: 06/09/2011

NETO, Félix; FREIRE, Tereza. Contribuições da psicologia social para a compreensão do fenômeno turístico. **Jornal de Psicologia**, Universidade do Porto, v. 9, n. 4-5, p. 3-13, 1990. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/2058>> Acesso em: 24/08/2011.

PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. **Sociologia do turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PEREIRA, M. A. A. Domínio histórico-social. In: SILVA, A. C.; PEDREIRA, L.C.V.S.F; ABREU, P.A.A. (orgs.). **Serra do Espinhaço Meridional paisagens e ambientes**. Belo Horizonte: Ed. O Lutador, 2005.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural: uma visão antropológica**. Coleção Passos Edita. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS, RTPC, n. 2, 2009. 307 p.

RAMOS, Karen Vieira; FIGUEIREDO, Antônio Marcus Lima. Contatos culturais no turismo: uma reflexão sobre os processos de aculturação. **XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 31., 2 a 6 de nov. 2008, BA: UESC. Contatos culturais no turismo: uma reflexão sobre os processos de aculturação, Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Natal, RN, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0999-2.pdf>> Acesso em: 08/10/2011.

RESSEL, Lúcia Beatriz, et.al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 779-786, out-dez 2008. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/714/71411240020.pdf>> Acesso em: 04/10/2011.

ROCHA, Ana. Rita. Pinto; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. A dialética entre o global e local: um olhar sobre o turismo e o patrimônio cultural. **Revista Terra Plural**, n. 2, p. 145-154, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1169>> Acesso em: 07/09/2011.

SEVERINO, Susana Sara; WOEHL SCHWEGLER, Fabiane; SILVA, Renata. Os impactos da atividade turística: estudo na Praia da Daniela. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, vol. 6, núm. 2, p. 51-58, 2006. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/1154/115416203007.pdf>> Acesso em: 19/09/2011.

SILVA, Karla Márcia da; FILHO, Nelson A. Quadros Vieira. Os resorts e seus impactos nas comunidades locais: estudo de caso do Águas do Treme Lake Resort no município de Inhaúma em Minas Gerais. **Observatório de Inovação do Turismo**. Revista Acadêmica, vol. IV, núm. 3, set. de 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit/article/view/1594/1058>> Acesso em: 16/08/2011

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana. (coord.). **Perfil da demanda turística real de Diamantina e região: características de viagem, motivações, percepções e expectativas**. Diamantina: UFVJM, 2011.

SOUZA, Gisela; FILLIPO, Cynthia. Impactos socioculturais do turismo na comunidade ≥ Tiradentes , Minas Gerais. **Revista Acadêmica do Senac Minas**, v. 3, p. 1-21, 2006. Disponível em: em:em: <de<http://www3.mg.senac.br/NR/rdonlyres/ee6dfb3l7upa67zj3s3dpm3mtbearmyb33bwxvmoz4ucsx5ozr2fsywik6bfj36x5et2twfj7g5h7p/cynthia.pdf>> Acesso em: 18/10/2011.

URRY, John. **O Olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas**. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura, 3a. edição. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. **Brasilis: Revista de história sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, ano 1, n. 1, 2003.

Tourism crisis / change of cultural identity: psychosocial impacts of tourism in Diamantina

Abstract:

Diamantina is a historic mining town of backwoods tourist circuit that experienced very quickly the momentum and the changes of investments in the tourism sector in the local economy. Thus, it became essential to detect and analyze the complications arising from intercultural contact tourist with a local resident trying to signal major psychosocial impacts perceived by the community in this regard. Focused the debate on the object identity and cultural changes that signal an overview of crisis or change of traditional identity. To this end, we developed a focus group with Diamantina representatives of the main sectors of the tourist activity in the city. The results reflect important trends for sustainable planning and management of tourism in Diamantina.

Keywords: *identity, tourism, impact of tourism, crisis / change of identity, Diamantina*

Artigo recebido em 23/10/2014. Aceito para publicação em 26/04/2015.